

## **ESTADO NUTRICIONAL E PERCEÇÃO DA IMAGEM CORPORAL DE ACADÊMICAS UNIVERSITÁRIAS DO CURSO DE NUTRIÇÃO DO BRASIL E DE PORTUGAL<sup>1</sup>**

### *NUTRITIONAL STATUS AND BODY IMAGE PERCEPTION OF FEMALE UNIVERSITY STUDENTS OF THE NUTRITION COURSE IN BRAZIL AND PORTUGAL*

**Gabriela da Silva Pereira<sup>2</sup>, Thiago Durand Mussoi<sup>3</sup> e Rodrigo Fioravanti Pereira<sup>4</sup>**

#### **RESUMO**

O presente trabalho teve como objetivo analisar a percepção da imagem corporal e relacionar com o estado nutricional de acadêmicas dos cursos de Nutrição de uma universidade de Santa Maria/RS, no Brasil, e outra na cidade de Faro/Algarve, em Portugal. Foi realizado um estudo transversal com 86 graduandas do curso supracitado. Para avaliação da percepção e distorção da imagem corporal, aplicou-se a Escala de Silhuetas de Stunkard e foi feita a coleta de dados antropométricos para a classificação do estado nutricional. Os valores médios de peso, estatura e Índice de Massa Corporal (IMC) foram semelhantes nos dois grupos ( $p > 0,05$ ). Constatou-se que a maioria das acadêmicas portuguesas e brasileiras estavam eutróficas, 79,1% e 65,1% respectivamente. A insatisfação por excesso de peso apresentou maiores valores entre as acadêmicas brasileiras (72,1%), enquanto as acadêmicas portuguesas foram as que apresentaram maiores valores por insatisfação pela magreza (20,9%). A insatisfação com a imagem corporal foi dominante sobre as que tinham a impressão distorcida para o excesso de peso, independente do estado nutricional, o que confirma que existe um padrão de 'corpo ideal' imposto pela sociedade. Sugere-se a realização de pesquisas comparativas com um número maior de participantes entre os dois países.

**Palavras-chave:** autoimagem, estudantes, feminino, transtornos alimentares.

#### **ABSTRACT**

*The present work aims to analyze the perception of body image and to relate it to the nutritional status of undergraduate Nutrition students at a university in Santa Maria, RS, Brazil, and another one in the city of Faro, Algarve, Portugal. This cross-sectional study was conducted with 86 undergraduate students from those institutions. In order to assess the perception and distortion of body image, the Stunkard Silhouette Scale was applied and the anthropometric data were collected for the classification of nutritional status. Mean values of weight, height and Body Mass Index (BMI) were similar in both groups ( $p > 0.05$ ). It was found out that most Portuguese and Brazilian students were eutrophic, 79.1% and 65.1% respectively. Dissatisfaction with overweight was higher among the Brazilian students (72.1%), while the Portuguese ones presented the highest values for dissatisfaction with thinness (20.9%). Dissatisfaction with body image was dominant over those who had the distorted impression of being overweight, regardless of nutritional status, which confirms that there is an 'ideal body' pattern imposed by society. We suggest more comparative research with a larger number of participants of the two countries.*

**Keywords:** self-image, students, female, eating disorder.

<sup>1</sup> Trabalho Final de Graduação - TFG.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Nutrição - Universidade Franciscana (UFN). E-mail: gabrielapereira.93@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador. Docente do curso de Nutrição - Universidade Franciscana (UFN). E-mail: tdmussoi@gmail.com

<sup>4</sup> Coautor. Docente do curso de Matemática - Universidade Franciscana (UFN). E-mail: prof.rodrigopereira@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A imagem corporal é a representação mental do nosso próprio corpo, o modo como ele é percebido pelo indivíduo através dos sentidos, ideias e sentimentos, principalmente no nosso inconsciente. As mudanças corporais e a preocupação com a imagem começam principalmente na adolescência, momento em que ocorre o crescimento, a puberdade e o amadurecimento, além de ser a fase em que a produção de hormônios promove o ganho de peso, o crescimento de pelos, de pernas e braços e a menarca. A partir da junção desses fatores, a imagem corporal vai se desenvolvendo com base na relação do indivíduo consigo mesmo e com as outras pessoas (SCHILDER, 1999; CAMPAGNA; SOUZA, 2006). Em sociedade, devido a nossa cultura, há uma supervalorização da imagem corporal, principalmente ao corpo magro e alto como o “padrão ideal”. O excesso da preocupação com o corpo e o aumento da insatisfação com a aparência tem resultado na relação do crescimento de transtornos alimentares em meninas adolescentes e mulheres jovens, aumentando a predisposição à depressão, por exemplo (VALENÇA, 2016). Os transtornos alimentares como bulimia e anorexia nervosa apontam um aumento importante nos últimos anos, ambos marcados pela preocupação excessiva com o peso corporal, principalmente no sexo feminino, e estão diretamente relacionados com os problemas associados à percepção distorcida da imagem corporal (GUIMARÃES *et al.*, 2014).

Existe uma relação entre percepção da imagem corporal, transtornos alimentares e estudantes do curso de Nutrição composto principalmente por mulheres jovens. São consideradas de risco por estarem inseridas em um grupo que sofre uma maior cobrança da sociedade para ter uma “forma física ideal”. Moraes *et al.* (2016) avaliaram 254 estudantes de um curso de Nutrição com idades entre 17 e 49 anos (média 21 anos). A insatisfação com a imagem corporal apareceu em 30,7% das acadêmicas entre os três níveis de intensidade: leve, moderada e grave. Maiores frequências de insatisfação com a imagem corporal foram observadas entre alunas com excesso de peso. Esses resultados são preocupantes, pois estamos tratando de futuras profissionais que têm como missão divulgar e transmitir a promoção da saúde através de hábitos saudáveis para a população em geral. Verifica-se, ainda, uma escassez de estudos ao fazer o comparativo entre instituições universitárias, e entre diferentes países as publicações são praticamente inexistentes, principalmente pesquisas envolvendo alunas do curso de Nutrição. Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo analisar a percepção da imagem corporal e relacionar com o estado nutricional de alunas dos cursos de Nutrição da Universidade Franciscana-Brasil e da Universidade de Algarve-Portugal.

## MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal e multicêntrico, composto por 86 acadêmicas de Nutrição, sendo 43 delas estudantes da Universidade Franciscana (UFN) - Santa Maria/Brasil e as outras 43

estudantes da Universidade do Algarve - Faro/Portugal. Por conveniência, em ambas as universidades não houve delimitação por tempo de curso estudado, ou seja, as acadêmicas participantes de ambos os países pertenciam a diferentes semestres do curso de Nutrição. A coleta de dados foi realizada no período de setembro a dezembro de 2016 em Portugal e de março a abril de 2017 no Brasil. Os critérios de exclusão foram: 1) questionários incompletos; 2) ser do sexo masculino; 3) estudantes de graduação de outro curso. As perdas foram: 1) estudantes ausentes no dia em que foi aplicado o questionário; 2) estudantes que não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para avaliação antropométrica utilizou-se as variáveis de peso, altura e o Índice de Massa Corporal (IMC). Para avaliação do peso corporal foi utilizada uma balança eletrônica do tipo plataforma, com capacidade máxima para 180 kg, sensibilidade de 100 gramas, da marca FILIZOLA®, devidamente aferida e certificada (Inmetro), disponível no laboratório de Antropometria da Universidade Franciscana. Na Universidade de Algarve foi utilizada a balança digital, do tipo plataforma, com capacidade de 150 kg, da marca SECA®. As participantes foram pesadas com roupas leves e descalças, posicionadas em postura ereta, com os pés inteiramente unidos na plataforma da balança, de forma paralela, com braços ao longo do corpo (MUSSOI, 2014). Para a aferição da estatura foi utilizado um estadiômetro fixo da marca Tonelli®, disponível no laboratório de Antropometria da Universidade Franciscana. Na Universidade de Algarve foi utilizado o estadiômetro fixo, da marca SECA®, de 220 cm. Para essa aferição, as alunas posicionaram-se com os pés juntos, calcanhares encostados na parede, em postura ereta e cabeça posicionada no plano de Frankfurt (MUSSOI, 2014). Estes dados foram utilizados para calcular o Índice de Massa Corporal (IMC), definido como massa corporal em quilogramas, dividido pela estatura em metro elevada ao quadrado ( $\text{kg}/\text{m}^2$ ). O IMC foi classificado segundo os parâmetros da Organização Mundial de Saúde (WHO, 1997). Para verificação da imagem corporal -atual e desejada - foi utilizada a escala com nove silhuetas proposta pelos autores Stunkard, Sorenson e Schlusinger (1983) e entregue dois conjuntos de silhuetas para cada participante. As participantes responderam de forma individualizada sem a necessidade de justificar a escolha do número correspondente a silhueta escolhida. Os instrumentos continham as seguintes: “Qual é a silhueta que melhor representa a sua aparência física atualmente? Qual é a silhueta que você gostaria de ter?” O instrumento avaliou a percepção do tamanho e formas corporais: modo como o indivíduo enxerga e percebe seu tamanho ou sua figura mental do corpo atual, o ideal de tamanho e formas corporais: o que é considerado um “ideal” de beleza, a insatisfação com o tamanho e as formas corporais: diferença entre a percepção e o que considera ideal (STUNKARD; SORENSON; SCHLUSINGER, 1983).

Para a avaliação da satisfação corporal, foi subtraído do número da silhueta em que o participante se identificou, do número da silhueta que desejava ter, podendo variar de menos 9 até 9. Para variação igual a zero, o indivíduo foi classificado como satisfeito com sua aparência e, para variação diferente de zero, foi considerado insatisfeito pelo excesso de peso. Quando negativa, foi considerado insatisfeito pela magreza. Para análise estatística dos dados foi utilizada a estatística descritiva das variáveis contendo o valor mínimo e máximo, a média e o desvio padrão. Em seguida, as variáveis

passaram pelos testes de normalidade de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk e, de acordo com os seus resultados, foi aplicado o teste de comparação entre médias para amostras não pareadas: Teste t ou Wilcoxon Mann-Whitney. Como abordagem secundária, ambos os testes foram aplicados em todas as comparações de variáveis, a fim de confirmar os resultados.

O presente trabalho foi aprovado pelo setor responsável da Escola de Saúde da Universidade do Algarve, bem como pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Universidade Franciscana, sob o número do parecer 1.830.672, de 22 de novembro de 2016.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram avaliadas 86 acadêmicas dos cursos de Nutrição de duas diferentes universidades, sendo 43 da Universidade do Algarve e outras 43 da Universidade Franciscana. Foram convidadas a participar da pesquisa apenas participantes do sexo feminino. Segundo os autores Araújo e Leoratto (2013), o público feminino é o mais atingido em consequência da “ditadura da beleza” imposta pela mídia, tornando como meta geral do gênero feminino, ter o corpo ideal segundo a mídia. Os participantes do sexo masculino foram excluídos, uma vez que representam um número pequeno no curso, o que foi observado também nas pesquisas de Bosi *et al.* (2006).

Na tabela 1, observaram-se as características gerais das amostras em relação às variáveis antropométricas. A média de idade das participantes de Portugal foi de 21,8 anos ( $\pm 3,47$ ), variando de 18 a 25 anos, enquanto a média de idade das participantes do Brasil foi de 23,5 anos, ( $\pm 6,32$ ), variando de 17 a 29 anos. Os achados no Brasil sobre a média de idade estão um pouco elevados em relação ao estudo de Miranda *et al.* (2012), que em sua pesquisa com 523 estudantes universitários da Universidade de Juiz de Fora (UFJF) de diversas áreas, a média de idade foi de apenas 20,8 ( $\pm 3,03$ ). A média de peso foi de 56,2 Kg ( $\pm 8,02$ ), variando de 48 a 64Kg em Portugal e no Brasil a média de peso foi de 59,6 Kg ( $\pm 14,0$ ), variado de 46 a 74Kg. Quando comparadas as duas instituições, verifica-se que a variabilidade de peso do grupo brasileiro foi maior, com valor máximo de 10kg de diferença, o que proporciona uma média de peso e IMC maior quando comparado com o grupo português. Em Portugal, a média de altura foi de 1,62m ( $\pm ,053$ ), variando de 1,56m a 1,67m e no Brasil foi de 1,63m ( $\pm ,069$ ), variando de 1,56 a 1,69m. Valores parecidos com os estudo de Santos (2015), que em um grupo de jovens alunos e ex-alunos da Escola Superior de Educação de Bragança encontrou uma média de altura de 1,64 m, e no estudo de Miranda *et al.* (2012), em universidades brasileiras de diferentes áreas do conhecimento, encontrou-se uma média de altura 1,63m, valores próximos aos encontrados no presente estudo.

Em relação ao IMC, a média dos valores foi de 22,1 Kg/m<sup>2</sup> para o Brasil e 21,4 Kg/m<sup>2</sup> para Portugal, ambos classificados em média como eutrofia. Quando comparadas as duas instituições, verificou-se que não houve diferença estatística em relação ao IMC, ao peso e à estatura. Os dados achados

são semelhantes ao estudo de Sousa (2013), que encontrou um valor médio de IMC de 22,49Kg/m<sup>2</sup> ( $\pm 3,94$ ) no grupo feminino de estudantes universitárias de uma cidade de Portugal, e ainda ao estudo de Kirsten *et al.* (2009), que encontrou 85,5% em sua amostra de 186 alunas do curso de Nutrição de uma universidade brasileira, classificadas com eutróficas.

**Tabela 1** - Características das variáveis antropométricas em relação à média e o desvio padrão dos estudantes de Nutrição.

País	Médias		Desvio Padrão		Valor de p
	Brasil	Portugal	Brasil	Portugal	
Idade (anos)	23,5	21,8	6,32	3,47	0,116
Peso (Kg)	59,6	56,2	14,02	8,02	0,412
Altura (m)	1,63	1,62	0,06	0,05	0,255
IMC (kg/m <sup>2</sup> )	22,1	21,4	4,53	2,55	0,663

IMC - Índice de Massa Corporal.

Na tabela 2, observou-se uma elevada prevalência de alunas de Portugal com a classificação do IMC eutrofia (79,1%), entretanto, verificou-se no Brasil que a porcentagem de eutrofia era menor (65,1%), indicando que as estudantes brasileiras não estavam com o peso adequado para sua altura. Nota-se, também, que as estudantes brasileiras apresentavam maiores porcentagem de inadequações na classificação do IMC, 18,6% para magreza e 16,3% para sobrepeso, totalizando 34,9% de inadequação, valores estes menores quando comparados com as estudantes portuguesas, em que a soma das inadequações magreza e sobrepeso/obesidade resultou no valor de apenas 20,9%. Resultados semelhantes foram encontrados por Martins (2009), com 99 estudantes universitários da Faculdade de Ciências e Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sendo que 42% eram do sexo feminino, com média de idade 21,5 anos. Ainda no estudo de Martins (2009), 85,9% dos avaliados também apresentaram um IMC de eutrofia e são as mulheres que praticavam exercícios físicos em maior número que os homens e em mais dias da semana: de 4 a 6 vezes (35,7%), possível justificativa do resultado do peso adequado do sexo feminino.

**Tabela 2** - Classificação IMC, frequências absoluta e relativa das estudantes de Portugal e Brasil.

Classificação IMC	Portugal		Brasil	
	Frequência (N)	(%)	Frequência (N)	(%)
Eutrofia	34	79,1	28	65,1
Magreza	5	11,6	8	18,6
Sobrepeso/obesidade	4	9,3	7	16,3
Total	43	100,0	43	100,0

IMC - Índice de Massa Corporal

Verificou-se, na tabela 3, que o percentual da classificação “satisfeito” foi maior em Portugal (27,9%) do que no Brasil (20,9%). Esses valores justificam os achados em relação ao IMC mostrados na tabela 2, em que a maioria das alunas portuguesas também apresentam classificação de

eutrofia (79,1%). Em ambos os países, a insatisfação com a imagem corporal foi elevada, no Brasil (79,1%) e em Portugal (72,1%). As estudantes brasileiras foram também as que apresentaram maior porcentagem de inadequações (34,9%) nas classificações em relação ao IMC. Quando analisadas as insatisfações separadamente, verificou-se que a insatisfação em relação ao excesso de peso foi maior no Brasil (72,1%) do que em Portugal (51,2%). No que se refere à insatisfação pela magreza, verificou-se que essa foi maior em Portugal (20,9%) do que no Brasil (7,0%). Detregiachi *et al.* (2014) também encontrou maior percentual (72%) de insatisfação pelo excesso de peso em estudantes femininas matriculadas em um curso de Nutrição, com o percentual da classificação insatisfeito pela magreza maior na universidade portuguesa, porém as estudantes portuguesas foram as que obtiveram as porcentagens menores na classificação magreza (11,6%), segundo o IMC (tabela 2).

Em relação à insatisfação pela magreza, Detregiachi *et al.* (2014) encontrou valores semelhantes com percentual de 9% das alunas brasileiras de Nutrição. Almeida (2004), em seu estudo com 400 participantes portugueses, sendo 53,8% do sexo feminino, constatou que 20,6% dos indivíduos caracterizados com peso menor que o ideal, estavam satisfeitos com sua condição e 84,2% identificados com peso acima do ideal, estavam insatisfeitos e tentaram mudar essa condição com dietas e exercícios físicos.

**Tabela 3** - Frequência e porcentagem dos resultados de classificação da imagem corporal entre Portugal e Brasil.

Classificação da imagem	Portugal		Brasil	
	Frequência (N)	(%)	Frequência (N)	(%)
Satisfeito	12	27,9	9	20,9
Insatisfeito pelo excesso	22	51,2	31	72,1
Insatisfeito pela magreza	9	20,9	3	7,0
Total	43	100,0	43	100,0

Para uma melhor visualização dos resultados referentes ao estado nutricional e à classificação da percepção da imagem corporal, a tabela 4 apresenta, de maneira descritiva, a compilação destas classificações. Verifica-se nessa tabela, que 79,1% das avaliadas foram classificadas como eutróficas em Portugal e 65,1% no Brasil, porém a percepção da imagem corporal como satisfeito foi apenas de 27,9% em Portugal, porcentagem essa maior que no Brasil, país esse com apenas de 20,9% de satisfação. Esses dados demonstram que apesar das altas porcentagens de eutrofia entre as avaliadas, elas não apresentam satisfação com seu estado atual. No estudo de Garcia *et al.* (2011), com 195 estudantes universitárias do sexo feminino dos cursos de Medicina e Educação Física, os resultados indicaram que o IMC não foi estatisticamente diferente entre as estudantes dos dois cursos. O IMC médio de todos os indivíduos do estudo foi de 21,8 Kg/m<sup>2</sup>, estando os dois cursos entre valores de eutrofia. Destes indivíduos eutróficos, 46,9% dos estudantes do curso de Medicina e 29,2% dos estudantes do curso de Educação Física apresentaram algum tipo de distorção e/ou preocupação com a imagem corporal. Os resultados do presente estudo corroboram com dados da literatura científica relacionados à pressão social sobre o culto ao “corpo ideal”.

O estado nutricional de magreza nas estudantes portuguesas foi 11,6%, entretanto a insatisfação da imagem corporal em relação à magreza foi de 20,9%, ou seja, quase o dobro das participantes não se encontram satisfeitas com o baixo peso. Esses números se mostraram diferentes no Brasil onde, das 18,6% das avaliadas classificadas com IMC magreza, apenas 7,0% estavam insatisfeitas com imagem corporal. Este achado demonstra que as avaliadas estavam, em sua maioria, satisfeitas com a imagem de seu corpo, apesar de o estado nutricional não estar adequado. Com relação ao estado nutricional de sobrepeso e/ou obesidade, verificou-se que 9,3% das portuguesas apresentaram essa classificação, entretanto 51,2% apresentaram insatisfação com a imagem corporal. Este achado demonstra que apesar do baixo índice de sobrepeso e/ou obesidade, ocorre um elevado índice de insatisfação com a imagem corporal. Em relação as estudantes brasileiras, o número de sobrepeso e/ou obesidade foi de 16,3% e a respectiva insatisfação da imagem corporal em relação ao excesso de peso foi de 72,1%. Esses dados se mostraram preocupantes, pois verificaram-se baixas porcentagens de estudantes classificadas com sobrepeso e/ou obesidade, entretanto a insatisfação com a imagem corporal foi maior do que em qualquer outra classificação, mostrando que apesar do estado nutricional estar adequado, existe uma evidente insatisfação corporal das estudantes avaliadas.

**Tabela 4** - Classificação do estado nutricional pelo IMC e classificação da percepção da imagem corporal.

País	IMC		Imagem Corporal	
	Portugal	Brasil	Portugal	Brasil
<b>Estado Nutricional/Imagem corporal</b>				
Eutrofia/ Satisfação	79,1%	65,1%	27,9%	20,9%
Magreza/ Insatisfeito pela magreza	11,6%	18,6%	20,9%	7,0%
Sobrepeso/Obesidade/ Insatisfação pelo excesso	9,3%	16,3%	51,2%	72,1%

IMC - Índice de Massa Corporal

Resultados encontrados no presente estudo, bem como estudos descritos na literatura científica (DETRREGIACHI *et al.*, 2014; GARCIA *et al.* 2011; SANTOS *et al.* 2017; KIRSTEN *et al.*, 2009) corroboram com os achados em que a mídia e a sociedade em geral cultuam um padrão de beleza específico sobre o “corpo ideal” que influencia na maneira como as pessoas se enxergam, fazendo-as perceberem-se sempre insatisfeitas com sua aparência, apesar do estado nutricional, na maioria das vezes, estar adequado. A percepção da imagem corporal alterada tem como consequência a alta relação com o desenvolvimento de transtornos alimentares como bulimia e anorexia, além de problemas psicológicos como a depressão. Como nos estudos de Santos *et al.* (2017), com 58 mulheres, sendo 38 do curso de Nutrição e o restante de outros cursos da área da saúde, em que as acadêmicas mesmo com o peso normal apresentaram distorção leve na percepção da imagem corporal e um baixo risco de desenvolver anorexia, porém, risco mais evidente sobre a bulimia. Esse fato confirma que há uma susceptibilidade dessas estudantes a apresentarem instabilidade no comportamento alimentar e desenvolverem algum distúrbio na percepção da imagem corporal.

## CONCLUSÃO

Os resultados obtidos no presente estudo permitem inferir que a insatisfação com a imagem corporal foi dominante entre as estudantes de Nutrição de ambas as universidades. Conclui-se que, a maioria das participantes, tanto as brasileiras como as portuguesas, mesmo com adequação do estado nutricional, ocorreu uma insatisfação importante com a imagem corporal das avaliadas, insatisfação essa mais evidente quando relacionada ao excesso de peso. Sugere-se a realização de mais pesquisas com essa temática, bem como com um número maior de participantes para a confirmação dos achados neste estudo. Ressalta-se a importância de estudos no ambiente universitário, sobretudo com estudantes da área da saúde para maiores investigações sobre as causas das insatisfações com o próprio corpo, visto que essa população está diretamente associada aos cuidados e as práticas relacionadas com a saúde, sendo no futuro profissionais que estarão atuando com a saúde da população.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Marques de. Insatisfação com o peso corporal. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 20, n. 6, p. 651-66, 2004.

ARAÚJO, Denise Castilhos de; LEORATTO, Daniele. Alterações da silhueta feminina: a influência da moda. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 3, p. 717-739, 2013.

BOSI, Maria Lúcia Magalhães *et al.* Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 55, n. 2, p. 108-13, 2006.

CAMPAGNA, Viviane Namur; SOUZA, Audrey Setton Lopes de. Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. **Boletim de psicologia**, v. 56, n. 124, p. 9-35, 2006.

DETREGIACHI, Cláudia Rucco Penteado *et al.* Estado nutricional, imagem corporal e comportamento alimentar de estudantes de Nutrição. **Revista Brasileira Nutrição Clínica**, v. 29, n. 2, p. 122-128, 2014.

GARCIA, Luana *et al.* Auto-percepção da imagem corporal em estudantes de Educação Física e Medicina. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 16, n. 1, p. 25-30, 2011.



GUIMARÃES, Aline Dias *et al.* Transtornos alimentares e insatisfação com a imagem corporal em bailarinos. **Rev. bras. med. esporte**, v. 20, n. 4, p. 267-271, 2014.

KIRSTEN, Vanessa Ramos; FRATTON, Fernanda; PORTA, Nádia Behr Dalla. Transtornos alimentares em alunas de nutrição do Rio Grande do Sul. **Revista de Nutrição**, v. 22, n. 2, p. 219-227, 2009.

MARTINS, Margarida João Ribeiro de Liz. **Hábitos alimentares de estudantes universitários**: Trabalho de Investigação. Food habits of Portuguese University Students. Porto: edição de autor, 2009.

MIRANDA, Valter Paulo Neves *et al.* Insatisfação corporal em universitários de diferentes áreas de conhecimento. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 61, n. 1, p. 25-32, 2012.

MORAES, Jéssica Maria Muniz *et al.* Fatores associados à insatisfação corporal e comportamentos de risco para transtornos alimentares entre estudantes de nutrição. **Revista de Pesquisa em Saúde**, v. 17, n. 2, p. 106-111, 2016.

MUSSOI, Thiago Durand. **Avaliação nutricional na prática clínica**: da gestação ao envelhecimento. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

SANTOS, Denise Mendes dos *et al.* Transtornos Alimentares em Estudantes da Área da Saúde de uma Faculdade de Viçosa MG. **Anais SIMPAC**, v. 7, n. 1, p. 149-155, 2017.

SANTOS, Tatiana Martins. **Relação entre o excesso de peso/obesidade e a pressão arterial em jovens adultos portugueses**. 2015. 76 p. Dissertação (Mestrado em Exercício e Saúde) - Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal, 2015.

SCHILDER, Paul. **A imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SOUSA, Célia Maria Pires Lavaredas de. **Caracterização dos hábitos alimentares e avaliação antropométrica dos estudantes da Universidade de Coimbra**. 2013. 94 p. Dissertação (Mestrado em Nutrição Clínica) - Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2013.

STUNKARD, Albert James; SORENSON, Thomas; SCHLUSINGER, Fini. Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. *In*: KETY, Seymour.; ROWLAND, Lewis Phillip; SIDMAN, Richard Leon.; MATTHYSSE, Steven. **The genetics of neurological and psychiatric disorders**. New York: Raven, 1983

VALENÇA, Cecília Nogueira; GERMANO, Raimunda Medeiros. Percepção da auto-imagem e satisfação corporal em adolescentes: perspectiva do cuidado integral na enfermagem. **Northeast Network Nursing Journal**, v. 10, n. 4, p. 173-180, 2016.

WORD HEALTH ORGANIZATION - WHO. Obesity: preventing and managing the global epidemic of obesity. **Report of the WHO Consultation of Obesity**. Geneva: World Health Organization, 1997.